

## MUNDO DO GARIMPO

Prof. Dr. Messias Modesto dos Passos (\*)

**RESUMO** - O garimpo tem sido um elemento importante na mineração, desde as primeiras grandes descobertas de pedras preciosas, no Brasil. Concentrados em Minas Gerais e Mato Grosso durante o século XVIII, fizeram-se presentes na Bahia durante a corrida em busca de ouro e diamantes do século passado. Desde o princípio deste século eles têm estado ativos em Mato Grosso e Goiás, mas nos últimos anos estão mais concentrados nos estados amazônicos. Os objetivos deste estudo são: (a) mostrar que a atividade de garimpo, na Amazônia Legal, se define/caracteriza como empreendimento capitalista de fronteira necessitando, portanto, para a sustentação de uma força de trabalho, com menor ou maior grau de exclusividade; (b) analisar os impactos sócio-ambientais da disputa entre os garimpeiros e as grandes empresas de mineração que objetivam a exclusividade da exploração das jazidas dos garimpos de ouro e de diamante na região amazônica.

**Palavras Chaves:** Garimpo, Amazônia, Mato Grosso, impactos sócio-ambientais.

### INTRODUÇÃO

O garimpeiro<sup>1</sup> tem sido um elemento importante na mineração, desde as primeiras grandes descobertas de pedras preciosas no Brasil. Concentrados em Minas Gerais e Mato Grosso durante o século XVIII, os mineradores de pequena escala, fizeram-se presentes na Bahia durante a corrida em busca de diamantes do século passado. Desde o princípio deste século eles têm estado ativos em Mato Grosso e Goiás, mas nos últimos anos estão mais concentrados nos estados amazônicos. Por uma recente contagem, há aproximadamente 900 mil garimpeiros no Brasil<sup>2</sup>; dois terços dos quais estão no Pará, Amazonas, Roraima e Amapá.

A garimpagem é levada a efeito, amplamente, numa base individual e apoiada por aviação, um sistema de patronagem encontrado por todo o Brasil rural. O *status* sócio-econômico do garimpeiro é baixo e, para a maioria, a sobrevivência se dá numa base de subsistência.

A rigidez da legislação de mineração da Coroa Portuguesa criou um clima propício ao aparecimento do garimpeiro, o minerador ilegal de diamantes. E assim, à parte de interesses históricos, uma revisão da legislação é válida pelo esclarecimento que produz sobre a herança cultural e tecnológica do garimpeiro. Embora a colonização do Brasil se tenha iniciado dois séculos antes que os maiores achados de ouro fossem feitos, a procura por riquezas minerais<sup>3</sup> dominou a nascente política colonial. Em 1603, por exemplo, as ordenações filipinas<sup>4</sup> reafirmaram a posse real das reservas minerais, embora concedesse licença para a mineração individual sob o pagamento do *quinto*<sup>5</sup> para a Coroa. Um código complementar de agosto de 1618 (numa forma revisada em 1702) serviu como base da legislação brasileira de mineração por todo o período colonial<sup>6</sup>. A corrida pelo ouro durante o século XVIII, na região que se tornou parte do Estado de Minas Gerais, estava sujeita a esta legislação.

---

(\*) Departamento de Geografia da UEM -Maringá – Paraná/Brasil

<sup>1</sup> O nome "garimpeiro" foi cunhado para descrever uma pessoa que desafiava a propriedade real dos campos diamantíferos e, por isto, se tornava um infrator sujeito ao exílio em Angola.

<sup>2</sup> Segundo a estimativa do Departamento Nacional de Produção Mineral, havia cerca de 380 mil garimpeiros em atividade no Brasil, no ano de 1987.

<sup>3</sup> ... a miragem do ouro que existia no interior das terras do Brasil – à qual não era estranha a pressão crescente dos franceses – pesou seguramente na decisão tomada de realizar um esforço relativamente para conservar as terras americanas..." Celso Furtado, 1964; pág. 14.

<sup>4</sup> Ordenações Filipinas – Conjunto de Leis do reinado de D. Felipe III, confirmadas por D. João VI em 1643, que vigoraram, até 1868 em Portugal, como leis gerais e até 1916, no Brasil, como fonte subsidiária do direito Pátrio (Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, Encyclopedia Britannica do Brasil, Edição 1977, pág. 1242). Extraído de Baxter (1988), pág. 19.

<sup>5</sup> Quinto - Imposto da época Colonial Brasileira, cobrado pela Metrópole, que correspondia à quinta parte das riquezas minerais, extraídas no Brasil, e sobretudo ouro. (Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, Encyclopedia Britannica do Brasil - Edição 1977 - pág. 1443). Extraído de Baxter (1988), pág. 19.

<sup>6</sup> As fontes primárias mais importantes sobre a história da mineração brasileira durante o período colonial são: André João Antonil, *Cultura e Opulência no Brasil* (Salvador, Livraria Progresso, 1955); e "*Do Descobrimto dos Diamantes, e Diferentes métodos, que se tem praticado na sua extração*", Anais da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), 80 (1960). As fontes principais que descrevem a mineração do século XIX são de: W. L. von Eschwege, Auguste de Saint-Hilaire, e Johan Batiste von Spix e C. F. Phil. von Martius. Narrativas secundárias sobre a mineração colonial são: C. R. Boyer, *The Golden Age of Brazil* (1695-1750) (Los Angeles and Berkeley: University of California, 1962), Manoel da Silveira Soares Cardoso, "A History of mining in Colonial, Brazil" (Ph.D, Dissertation, Stanford University, 1939); João Pandiá Calógeras, *As minas do Brasil e sua legislação*, 3 vols. (Rio de Janeiro, Nacional, 1904); Augusto de Lima Júnior, *História dos diamantes nas Minas Gerais*. (século XVII) (Lisboa e Rio de Janeiro: Dois

## O GARIMPO NO MATO GROSSO

A partir do século XVIII, Mato Grosso já apresenta uma forte ligação entre colonização e garimpagem do ouro, esta atividade representou o ápice econômico da região até sua acentuada decadência no século XIX<sup>7</sup>.

Os assentamentos e regularização fundiária do Estado de Mato Grosso, efetuados pelo Estado através do Departamento de Terras e Colonização e da Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso – CODEMAT - no período de 1951 a 1992, seguiram uma política de distribuição de lotes de pequenas dimensões atendendo basicamente aos "machadeiros"<sup>8</sup>, garimpeiros e agricultores de poucos recursos financeiros. Mesmo assim, depara-se com algumas exceções como, por exemplo, o Projeto Juína/Juína, com lotes de tamanho entre 50 e 3.000 ha, o Projeto Roosevelt/Aripuanã, com lotes de dimensões variando de 2.000 a 3.000 hectares, o Projeto Painelas/Aripuanã, com lotes de dimensões entre 1.000 e 3.000 hectares, todos implantados a partir de 1972.

O Departamento de Terras e Colonização, criado no Governo de Fernando Corrêa da Costa (1950-1954), tinha como objetivo maior promover o povoamento do Estado e, o caminho foi atrair as Companhias Colonizadoras. A partir dessa concepção de colonização, o garimpeiro foi considerado inapto e impróprio para a tarefa da colonização agrícola.

A extração de diamantes não está regulamentada pelo Governo, o que equivale dizer que está fora do organograma produtivo do Estado. Entendemos que há uma certa anarquia e permissividade, cuja explicação talvez se encontre com o anacrônico espírito de liberdade, aventura e esperança que alimentou a conhecida "febre do ouro" em todo o mundo.

Com a crise do ouro do século XIX, apesar das proibições oficiais, a população, que a esta atividade econômica se dedicava, sofre um intenso processo de empobrecimento, tendo nas descobertas de diamante - no rio Arinos e do Alto Paraguai - uma atividade que substitui a extração do ouro. Através da intervenção política, em 1804, a mineração do diamante foi franqueada tornando necessária a implementação de vias de abastecimento para esta área. O abastecimento se deu por meio de monções que percorriam os rios Arinos e Tapajós, atingindo Belém e de lá trazendo os produtos necessários à manutenção da população garimpeira e, ao mesmo tempo, construindo a paisagem ao longo do itinerário: nele surgiam arraiais que, mais tarde, formaram algumas das mais representativas cidades do Mato Grosso.

---

Mundos, 1945); e, Joaquim Felício dos Santos, *Memórias do Distrito Diamantino*, (Rio de Janeiro:, Cruzeiro, 1956).

Legislação concernente à mineração colonial está em: Calógeras, *As Minas do Brasil - "Do Descobrimeto dos Diamantes"*, e I. Barcante, *Economia Rural brasileira*. Compilação de leis de 1500 a 1944, parte 1, Produção *Mineral* (Rio de Janeiro: Nacional, 1946); a discussão da antiga legislação de mineração está em Damião Peres, "Antecedentes históricos da legislação concernente ao ouro do Brasil nos séculos XVI a XVIII", IHGB, 4º Congresso de História Nacional Anais 5 (1950), págs. 573-87.

<sup>7</sup> Contudo, a legislação de mineração em Mato Grosso, após a Proclamação da República, não reconhecia o garimpeiro – a mineração era considerada como atividade exclusiva das companhias privadas -. Somente em 1914, o garimpeiro foi mencionado na legislação e, isto, porque se tornou sujeito a uma taxa anual de ocupação.

<sup>8</sup> A primeira vez que ouvi a expressão "machadeiros", foi numa entrevista que realizei com o Sr. Menezes, antigo morador da Fazenda Jacobina, próxima da cidade de Cáceres/MT. Ele relatou-me como chegou até esta fazenda: "eu era um sergipano perdido no mundo, resolvi aventurar, e na carroceria de um caminhão viajei com mais seis companheiros. A idéia era chegarmos ao Acre mas, fomos largado aqui nesta fazenda. Naquele tempo havia muita falta de gente nessas terras. Os fazendeiros, e o próprio governo do Mato Grosso, faziam de tudo para atrair mão-de-obra. Éramos, e somos ainda, gente sem recurso algum. Somos "machadeiros", ou seja, gente que estava disposta a derrubar a mata, com o machado, e ocupar a terra.

As cidades de Alto Paraguai e Diamantino<sup>9</sup> destacam-se na primeira fase da exploração diamantífera que, além de grande poder político, desempenham importante papel no setor comercial. Geram-se grandes fortunas em detrimento das condições precárias de vida da maior parte da população, composta por escravos e uns poucos homens livres, que vendia sua força de trabalho por um mínimo que garantisse a sua parca sobrevivência. Foi acumulando capital a partir das atividades mineradoras e comerciais, que uma parcela mínima da população matogrossense enriqueceu e, conseqüentemente, dirigiu por muito tempo os destinos políticos de Mato Grosso.

A segunda fase da exploração do diamante no Mato Grosso se manifesta na região leste do mesmo. Os trabalhadores, que se dedicavam a tal atividade, eram de origem nortista ou nordestina<sup>10</sup>, oriundos da decadência da borracha ou de áreas de garimpo em seus estados. A atividade do garimpo, neste momento, intensifica sua ação na transformação da paisagem dando origem a um intenso processo de povoamento que propicia o surgimento das cidades de Alto Araguaia, Poxoréo, Guiratinga, Ponte Branca, Barra do Garças, Itiquira, Tesouro, entre outras.

No sentido de chamarmos atenção para a dinâmica recente dos garimpos de ouro, em atividade no Mato Grosso, passamos a reproduzir texto da matéria publicada na Folha de São Paulo (25/12/1996), sob o título “Garimpo invade reserva e levanta cidade”:

*“Em apenas três meses, cerca de 8.000 garimpeiros e 150 madeireiros invadiram a reserva Sararé (540 km a oeste de Cuiabá) e ergueram uma cidade dentro da área dos índios nhambiquaras.*

*A cidade – a apenas 15 km da aldeia indígena – tem cem pontos comerciais, incluindo bordéis, mercearias e oficinas mecânicas, e é habitada por cerca de 6.000, dos mais de 8.000 invasores.*

*As casas, a grande maioria de madeira e lona, concentram-se à beira do garimpo Ferrugem 4, que já é o maior do Mato Grosso. A cidade também ficou conhecida como Ferrugem 4.*

*Ao sul da aldeia, mil dragas dos garimpeiros fazem um barulho estrondoso, segundo os índios, desde o amanhecer.*

*Dados da própria Cooperativa dos Produtores de Ouro de Pontes e Lacerda (Coopropol) revelam que as escavações do garimpo já atingem cerca de 12 km em linha reta, com crateras de até 20 metros de profundidade.*

*Ao norte e a oeste da aldeia, 150 madeireiros abrem estradas e devastam matas atrás de madeiras nobres como mogno e cerejeira”.*

## **O garimpo em Poxoréo**

“Fica pouco mas não acaba”, a frase ouvida na própria cidade parece resumir a resistência dos garimpeiros de diamante de Poxoréo, em deixarem suas dragas.

Poxoréo está situado no Vale do Rio Poxoréo, tendo ao norte de sua fronteira a economia da soja, implementada por uma população de origem sulista, em Primavera do Leste e, ao sul, a atividade pecuária de Rondonópolis, mantendo a lógica econômica dos primeiros fazendeiros vindos de Goiás. Todas estas atividades econômicas se desenvolvem em uma região de relevo predominantemente marcado por extensos chapadões modelados em arenitos da idade Paleozóica e Mesozóica, apresentando superfícies aplainadas de 400 a 900 metros de altitude, com um clima quente e úmido,

---

<sup>9</sup> O núcleo de Diamantino foi fundado em 1728, pelo Bandeirante Capitão Mor Gabriel Antunes Maciel. Sua fundação está ligada à abundância de metais preciosos no lugar denominado Arraial do Douro. O núcleo de Diamantino foi desmembrado diretamente de Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá, e foi elevada a categoria de Distrito de Alta Paraguai Diamantino em 1811, por resolução de D. João VI. Com a decadência da mineração, no início do século XX, as atividades de Diamantino voltaram-se ao mercado externo através do extrativismo da borracha, erva-mate e cana-de-açúcar. Diamantino foi um dos municípios pioneiros no plantio de soja em Mato Grosso, mesmo depois de ter perdido extensa área de terras para a criação de novos municípios. Contudo, ainda hoje é possível encontrar-se alguns garimpeiros nas grimpas das serras de Diamantino sobrevivendo dos achados de ouro.

<sup>10</sup> Chamo de Mato Grosso Baiano a área que, a grosso modo, se estende de Rondonópolis a Barra do Garças e que foi ocupada, a partir de 1920, por nordestinos procedentes de Estados da Região Nordeste, sobretudo do Estado da Bahia. Os “baianos” iniciaram a ocupação dessa parcela do território matogrossense atraídos pela “areia manteiga”, supostamente rica em ouro e diamante. Por volta de 1950/60 a cultura do algodão – que necessita de mão-de-obra numerosa – foi beneficiada por este contingente populacional. Contudo, a partir do processo de “modernização” toda esta gente foi excluída dos projetos governamentais e, então, mais empobrecidos passaram a dedicar-se a atividades “liberais”: garimpo e, sobretudo a coleta e venda de alguns produtos (palmito, coco-da-bahia, pamonhas, doces, artesanatos...). Atualmente, os “baianos” e o seu jeito de viver marcam a paisagem ao longo da Rodovia Rondonópolis-Cuiabá, sobretudo nas proximidades de Juscimeira, Jusciara... onde instalaram barracas para a venda desses produtos.

cuja cobertura vegetal dominante é o cerrado, com algumas áreas de florestas, relacionadas aos solos mais férteis; os vales fluviais estavam revestidos por florestas galerias, associadas à maior umidade. A colonização de Poxoréu tem início a partir da pecuária. No entanto, o povoamento mais efetivo dá-se com a exploração garimpeira do diamante, crescendo em torno desta atividade. A evolução da população está diretamente relacionada à exploração do diamante, ou seja, nos anos de crise do garimpo a população migra para outras áreas. Como se pode perceber na análise da evolução da população, os momentos de expansão e recuo desta atividade explicam o aumento e decréscimo da mesma.

#### ***Evolução da População de Poxoréu/MT***

<b>Ano</b>	<b>Nº de Habitantes</b>
1940	14.779
1950	21.729
1960	16.968
1970	27.431
1980	28.052
1991	13.831
1996	14.035

Fonte: IBGE

O garimpo em Poxoréu, que existe desde 1920, compõe, segundo BAXTER, um dos seus mais dedicados estudiosos, um "microcosmo do garimpo", pois nele se fazem presentes as diferentes formas de organização do trabalho que foram se construindo no garimpo de diamante: o garimpo manual, o garimpo com dragas e o garimpo com retroescavadeiras e máquinas pesadas diversas, cada qual como marca de um momento distinto na história da paisagem.

Os primeiros colonizadores de Poxoréu foram fazendeiros oriundos de Goiás, em busca de novas terras para pastagem.

As primeiras descobertas de diamantes, por volta de 1920, atraíram um elevado número de "aventureiros", propiciando o surgimento de inúmeras currutelas. No entanto, esse povoamento inicial teve o caráter próprio das áreas de garimpo, ou seja, de permanência incerta, pois a única preocupação era a cata do diamante, daí a construção das moradas utilizando materiais locais: tetos de palmeira e paredes de sapé. O dinheiro era fácil, mas logo era gasto com mantimentos (vendidos a preços sempre elevados), mulheres, jogos e bebidas.

São Pedro foi, neste momento, a maior das currutelas da região, mas a vida dos garimpeiros, nesta área, era extremamente violenta. Segundo relatos de garimpeiros, as mortes eram de 4 a 5 por semana, resultantes "do livre acesso ao álcool e às armas, além do crescimento estrondoso do povoamento". (BAXTER, 1975).

Nas palavras de um dos mais antigos compradores de diamante da região "*aqui sempre foi e sempre será terra de garimpeiro*", cujas atividades estão cunhadas na composição de sua paisagem: gente de origem nortista e nordestina (vindos de outras áreas de garimpo como Lençóis, na Bahia), casas geminadas de teto baixo, ruas estreitas, um linguajar próprio.

De 1927 a 1950, a atividade garimpeira se desenvolve de forma mais ou menos constante, propiciando o crescimento da população de Poxoréu. A tecnologia empregada é a "extração manual", que se caracteriza por derivações antropogênicas moderadas sobre a paisagem, pois o tempo despendido em cada fase da coleta do diamante (desmonte, coleta do cascalho e escrita) é lento.

Nas fases áureas da extração do diamante, a cidade entrava em ebulição: prostitutas de luxo, jogos e a construção de belas casas, tanto de compradores de diamante como de alguns garimpeiros afortunados com o bamburro.

Entre 1950/60, vários projetos de colonização particular em diversas áreas do Centro-Oeste, estimulados pelo Governo, provocam em Poxoréu uma taxa de incremento populacional anual negativa de -2,4%.

A partir dos anos 60 e 70, ocorre uma certa retomada da atividade garimpeira através do uso de um novo aparato tecnológico: as dragas, que no início pouco mudam a situação. Aos poucos com o uso de motores mais potentes, irão permitir a exploração do cascalho mais profundo, dificilmente alcançado com o uso da tecnologia manual, agudizando os impactos ambientais.

De 80 a 95, a decadência do garimpo se faz sentir por todo o município, a grande maioria das atividades econômicas se subordina ao garimpo, direta ou indiretamente. Mesmo com a implantação de tecnologias mais "modernas", como o uso de caminhões e retroescavadeiras, a sustentabilidade sócio-econômica agrava-se, em primeiro lugar, porque tal tecnologia intensifica de forma nunca vista as conseqüências danosas ao meio natural, geradas pela garimpagem, ou seja, o assoreamento e a redução da

potencialidade do solo para uso agrícola. E, também, porque altera as formas de relação de trabalho e remuneração do pessoal envolvido no processo, além de exigir um grau de qualificação profissional pouco comum ao garimpeiro, para exercer atividades de motorista, operador de máquinas, etc.

Poxoréo demanda novas alternativas de desenvolvimento e, no entanto, em sua paisagem convivem, lado a lado, as formas de garimpar de ontem, de hoje e, talvez, de amanhã, com os cultivos incentivados de maracujá e de outras variedades vegetais na expectativa de evitar-se uma crise mais desoladora com a decadência dos garimpos.

### Os sujeitos e suas relações cotidianas

*O garimpo: seduz como mulher,  
embriaga como bebida e vicia como o jogo”*  
(Anônimo)

Iniciamos as visitas às áreas de garimpo dentro de um contexto muito interessante: era o tempo dos trabalhos-de-campo muito valorizados pelo Curso de Geografia da UNESP, Câmpus de Presidente Prudente. A título de exemplificação e de contextualização do mundo do garimpo passamos a relatar duas visitas – a primeira, ao garimpo de ouro de Poconé e, a segunda, ao garimpo de diamante de Poxoréo.

Visitamos o garimpo de ouro de Poconé, pela primeira vez, em 1986. Chamou-nos a atenção a agitação dos donos dos garimpos e de algumas frases expostas em adesivos colados nos vidros dos carros, entre as quais anotamos duas: “para o homem virar garimpeiro é fácil, mas para o garimpeiro virar homem é difícil”; “a inveja é uma merda!”.

De certa forma, elas retratam o microcosmo do garimpo. Primeiro, porque muitos homens se tornaram garimpeiros por circunstâncias da vida e, viciaram de tal maneira na expectativa e ansiedade de encontrar 5, 10 gramas de ouro, além da média diária, que não pensam em outra coisa... Segundo, que o mundo do garimpo nem sempre é cordial – há competições, invejas que levam um garimpeiro a “dedar” o outro para a fiscalização, para o policial corrupto que então, aparece de surpresa e extorque o garimpeiro. De um modo geral, os garimpos surgidos mais recentemente e que receberam muitos aventureiros são mais violentos, mais inquietos e mais ambiciosos, ou seja, há pouca sedimentação do mundo do garimpo. O dono de um garimpo de ouro em Poconé relatou-nos que atendendo uma encomenda de dois norte americanos armazenou todo o ouro extraído ao longo de três meses e, então, deslocou-se para a cidade do Rio de Janeiro, no sentido de concretizar a venda. No retorno, hospedou-se em um hotel de São Paulo e foi conferir pela enésima vez o caráter das notas de dólar... Eram falsas!. Os gringos tinham aplicado algum produto sobre as notas mascarando a falsidade das mesmas, dificultando a sua leitura apesar da utilização de máquinas próprias para a leitura do caráter das notas!. Segundo ele, transações com esse tipo de safadeza é muito comum, sobretudo no garimpo de ouro, onde todo mundo é considerado fora-da-lei e, então, vítima de todo tipo de gente: policiais, políticos, compradores...

O mundo do garimpo de diamante em Poxoréo, tem uma história mais longa e, conseqüentemente, mais sedimentada: é um clã de amigos e de parentes que têm sua origem no garimpo de Lençóis/Bahia e que foi sendo passada de pai para filho.

A primeira vez que visitamos o garimpo de diamante em Poxoréo, cercamos-nos de todas as precauções, ou seja, de todos os preconceitos possíveis. Na véspera visitamos o Departamento de Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso, câmpus de Rondonópolis, para obter informações relativas à segurança pessoal e coisas do gênero. De certa forma, os professores de Geografia de Rondonópolis, com exceção de dois ou três, pouco sabiam a respeito do mundo do garimpo, apesar de Poxoréo estar muito próxima. No dia seguinte, chegamos a Poxoréo, perguntando pelo Presidente do Sindicato dos Garimpeiros, Sr. Adhemar de Mattos. Fomos levados até a sua casa, por alguém – muito gentil – que encontramos na rua. Foi uma surpresa quando uma voz respondeu do interior da casa: “pode entrar”, ao chamado “Oi de casa!”. Era o Adhemar de Mattos, um homem de estatura mediana, costas largas, sorriso fácil e muitas estórias, autêntico neto de garimpeiro, filho de garimpeiro, pai de garimpeiro... Na primeira meia hora, o Adhemar já se apresentava com o pseudônimo de “Brucelose”, uma alusão bem humorada ao seu corpo pesado e gordo. Foi abrindo o baú, mostrando os diamantes, falando da vida do garimpeiro... Depois, fomos visitar a cidade de Poxoréo, os bares, o museu, as casas comerciais de compra e venda de diamante, os artesãos, a zona... Tudo muito explícito, sem desconfinança, num clima descontraído... “Aqui, todos se conhecem há muito tempo, todos somos amigos, somos garimpeiros, filhos de garimpeiros”, concluiu, ao final da visita, o simpático garimpeiro-político Adhemar de Mattos.

A realidade do mundo do garimpo, cerca de 900 mil brasileiros vivendo o sonho de encontrar a riqueza ou, pior, conscientes de que não há futuro no garimpo, é um dia-a-dia duro, difícil.

*"Sofrendo constantes transformações o garimpo renova-se em suas escalas de deslocamento, incorporação de tecnologias e, especialmente, em novas estratégias para provimento e subordinação de novos trabalhadores do garimpo (Povoa, H, 1994).*

Mas como em toda ação, o garimpo pede por seus sujeitos e, para apresentá-los, vejamos um pouco do dia-a-dia do garimpo.

Surgindo notícias sobre uma nova área de extração (influência)<sup>11</sup>, dois agentes entram em cena: um investidor que possui dinheiro para a empreita e o garimpeiro explorador, que segue mata a dentro, abrindo picadas, seguindo normalmente o leito dos rios até encontrar uma área de lavra .

A notícia se espalha, atraindo gente de toda a parte do Brasil. Temos então a "fofoca": surgem a *boite*, o armazém, construídos de madeira mesclada com alvenaria e, em cada posto de extração, feito a partir das dragas, levantam-se os barracos, onde se abrigarão do sol e da chuva, em chão batido, de 6 a 10 garimpeiros homens e uma mulher, contratada para lavar e cozinhar para o grupo, podendo ainda ser contratada como amante a quem se fizer interessado, por outro valor.

Neste momento, cada um encontra seu lugar no garimpo, a partir de dois condicionantes básicos: a quantidade de capital disponível para a empreita e o grau de conhecimento da atividade de mineração.

No mundo do garimpo, a divisão social mais importante é aquela representada pelos proprietários do garimpo e os trabalhadores. Ainda há os sócios diretos e os pequenos comerciantes que prestam algum subsídio, na expectativa de participar do jogo, da aventura... de um achado significativo e valioso! Os proprietários entram com o capital e as máquinas e, ainda, remuneram os trabalhadores, quer em sistema de diaristas, quer em sistema de parcerias. Os sócios, podendo ou não residir no garimpo, fornecem para sua manutenção os suprimentos tais como, máquinas e créditos, em troca de parte da produção.

Os garimpeiros, na acepção da palavra, são os que trabalham "diretamente" na extração do minério. Estes apresentam diferentes formas de relação com o ofício: existem aqueles que trabalham no garimpo só durante algumas semanas e retornam, em seguida, às suas atividades urbanas ou rurais e existem os garimpeiros de tempo integral, que empreendem jornadas de uma a outra região do garimpo. Estes garimpeiros vão transformando e recriando, com seu trabalho, a história da paisagem das regiões nas quais se inserem, integrando-se ou não às suas atividades econômicas.

*"O garimpo agrega também uma população que, se não dedicada diretamente ao garimpo, tem suas atividades a ele subordinadas (pilotos, prostitutas, compradores de minérios, comerciantes e uma série de outros a quem chamaremos de agregados do garimpo). Através da ação destes agregados a atividade do garimpo expande sua área de ação na transformação da paisagem para além da área de produção determinando o surgimento de vilas e cidades e por vezes determinando o tempo de existência das mesmas.(CLEARYD, D., 1990).*

Para prosseguir trabalhando, o garimpeiro precisa de alimento para suportar o desgaste provocado pelo trabalho árduo e de diversão, para alimentar o sonho. Todos os bens consumidos no garimpo têm um preço muito alto, isto inclui os gêneros de primeira necessidade, mas em especial, aqueles ligados ao lazer, de forma que a maior parte da remuneração dos garimpeiros permanece na área de influência do garimpo.

---

<sup>11</sup> Influência, no jargão garimpeiro, são as novas áreas para onde se dirige a atividade garimpeira, por conta de "notícias" sobre novos achados de ouro ou de diamante.

Nesta relação entre o garimpo e seus agentes, o fundamental para os donos de garimpo não é só a atração da força de trabalho, mas sua fixação no garimpo.

É aí que surgem formas de coerção, através de aviamento e até da "escravidão" ou, ainda, na estruturação de mecanismos através da captação de mulheres para a escravidão dos prostíbulos<sup>12</sup> que ajudam a dissipar a capacidade de poupança e, conseqüentemente, a autonomia dos garimpeiros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos mitos relacionados à atividade garimpeira que causa grande dificuldade na sua interpretação é o discurso que afirma que o garimpo não está contido no contexto de atividade econômica "normal" tendo, no dizer de PORTELA (1992):

*"Leis próprias e desconhecidas do restante do país, numa perspectiva de que quanto mais bravo e longínquo seja o garimpo mais estes homens serão garimpeiros..., mais terão direito às riquezas e a definir no braço, e na força as regras sociais e de trabalho nas quais a sociedade e/ou o Estado brasileiros não têm sequer o direito de interferência".*

Esta visão não corresponde à realidade do garimpo na Amazônia, pois na análise de diferentes áreas de garimpo encontram-se semelhanças na paisagem que caracterizam o garimpo como empreendimento capitalista de fronteira necessitando, portanto, para a sua sustentação uma força de trabalho, com menor ou maior grau de exclusividade. Segundo COSTA (1992) a disponibilidade dessa força de trabalho está sujeita a cinco conjuntos de variáveis, a saber:

- as relativas à inexistência de um mercado de trabalho, correlato à disponibilidade de terras na área do empreendimento;
- as associadas à existência de força de trabalho tornada excedente em outras áreas;
- as que dizem respeito aos mecanismos de complementaridade entre as estruturas subjacentes à reprodução da força de trabalho e do capital nas áreas em questão;
- as relacionadas aos mecanismos ideológicos de mobilidade;
- as que tem a ver com os mecanismos ideológicos e estruturais de retenção da força de trabalho.

Não basta que existam os elementos próprios ao desenvolvimento do garimpo, é necessário que eventos de ordem política e econômica viabilizem este processo, que deve ser entendido dentro do contexto das atividades extrativistas e, como tal, caracterizando-se, segundo BRÜSEKE (1992):

- pela possibilidade da participação de mão-de-obra não qualificada e do envolvimento de pequenos e médios possuidores de capital;
- pelo fato do bem mineral extraído constituir-se basicamente como produto final do processo de garimpo, dificultando a criação de uma indústria em torno desse bem mineral;
- pela precariedade e sazonalidade das estruturas criadas para atender à atividade extrativista, bem como a tendência dos fluxos de energia desta atividade de migrar para fora do sistema.

Ressaltamos também que o garimpo funcionou dentro da realidade da Amazônia Legal como importante instrumento das políticas de Estado, seja como válvula de escape de tensões sociais ocorridas em todo país, seja como fonte de divisas para sustentação da política monetária externa.

É neste contexto que surge um conjunto de mineradores ilegais. Esta classe de pequenos mineradores persistirá no trabalho de mineração, por todo o território brasileiro, mesmo durante os momentos de retração do setor. Estruturando-se a partir das características específicas de cada lugar de garimpo, as relações de trabalho e os aspectos culturais determinam a formação sócio-espacial do garimpo. Para exemplificar a diversidade destas relações, apoiar-nos-emos na análise de COSTA (1992), relativa aos garimpos de diamantes de Marabá e de ouro no Tapajós.

---

<sup>12</sup> Quando o garimpo se situa próximo aos lugarejos, como Peixoto de Azevedo, Pista do Cabeça, na Amazônia Legal, grupos do Sul para lá se encaminham e fazem casas de shows com mulheres importadas, tudo a preço de ouro, literalmente.

Em Marabá, a extração do diamante inicia-se nos anos 30, ou seja, quando já estava em pleno desenvolvimento a economia da castanha. As características diversas entre a economia da castanha e a do diamante, tornam esta última complementar da primeira, ou seja, a mesma força de trabalho poderia ser utilizada no inverno na apanha do ouriço da castanha e, no verão, na cata do diamante, contribuindo para a fixação do trabalho na área, reafirmando as formas de organização econômica anteriores.

Já no Tapajós, a atividade extrativa anterior só se apresenta enquanto estrutura decadente, incapaz de manter sua força de trabalho. Neste caso, o empresário do garimpo é desde o início um prospector de ouro - a área onde se faz o garimpo é outra, em geral não utilizada no período anterior, caracterizando-se em uma área marginal, um novo espaço sócio-econômico que ao reestruturar-se transforma bruscamente a paisagem, principalmente por meio da incorporação de novas tecnologias: introdução de transporte aéreo, além das consequências diretas da atividade de garimpagem, como por exemplo: o assoreamento dos rios, a liberação de mercúrio no meio ambiente e as escavações necessárias à extração do ouro.

Outros exemplos significativos são encontrados nos empreendimentos agro-industriais (SADIA, FAZENDA ITAMARATY NORTE, etc.). O Frigorífico da SADIA, quando instalou-se na cidade de Várzea Grande/MT passou por algumas dificuldades relacionadas à formação e retenção da mão-de-obra: no período da estiagem muitos operários não retornavam, preferindo aventurar-se nos garimpos. O gerente da Itamarty Norte (Campo Novo dos Parecis/MT), faz um relato praticamente idêntico e, então, para viabilizar a colheita de algodão, o proprietário (Olacyr de Moraes) teve que optar por colheitadeiras mecânicas. O matogrossense da "gema" é muito contemplativo e, de certa forma arraigado às atividades extrativistas. A passagem do paradigma extrativista para o agro-industrial deve se consolidar, sobretudo, a partir da decadência acentuada (não completa) dos garimpos.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que até 1930 a "Amazônia Matogrossense" estava na condição de "território de conquista", ocupada por índios e sustentada por uma economia extrativista... Entre 1930 e 1960, chegam os posseiros, vindos da Região Nordeste, sobretudo, que atravessavam o Rio Araguaia, em busca de pastagens para o gado e de terras para roças (culturas) de subsistência. Era o clã familiar, gente humilde, buscando uma vida melhor. Embora tenha ocorrido conflitos entre posseiros e índios, prevaleceu a acomodação, a "convivência". Esta terra, como muita terra do interior do Brasil e da América Latina era considerada terra de ninguém - espaços vazios, a serem ocupados, produzidos, valorizados -. Na verdade ela estava ocupada por índios e posseiros...

Os programas de ocupação dos "espaços vazios", ignorou toda esta gente.

Surge, dessa maneira, a necessidade de expansão da atividade garimpeira como válvula de escape para conter a tensão social resultante da exclusão dos "descamisados" das políticas governamentais.

A região amazônica sofreu dois grandes "boons" garimpeiros: o primeiro, no final do século XVII e, o segundo, em meados da década de 70. Hoje temos na composição da paisagem amazônica 16 grandes províncias garimpeiras, organizadas em torno de mais de 2000 pontos de garimpagem, 900 pistas de pouso, e uma produção, aproximada, de 100 toneladas de ouro, 1 milhão de quilates de diamantes e 18 mil toneladas de estanho/ano. Utilizando na extração os métodos mais variados, destacando-se o desmonte hidráulico (bico-jato), moinhos, manual, dragas, balças, entre outros, provocando grandes impactos mas, servindo de válvula de escape ao desemprego e ao desgaste de atividades agrícolas de outras regiões e, ainda, absorvendo um grande número do contingente de trabalhadores liberados pela conclusão das grandes rodovias, das hidroelétricas e de outras obras de impacto regional e nacional.

Dentro da nossa contextualização é pertinente lembrarmos de duas outras questões:

- a disputa entre os garimpeiros e as grandes empresas de mineração que objetivam a exclusividade da exploração das jazidas minerais;
- a presença do movimento ecológico, em suas diferentes vertentes, como mediador das ações políticas-institucionais da região amazônica.

*"A aproximação entre ecologismo e a Amazônia se faz guiada por uma polarização contrária àquela que orientou todos os modelos de intervenção na região e se faz pela oposição extrativismo vegetal versus agricultura.*

Propondo, em nome da causa ecológica, o privilegiamento absoluto do primeiro contra o segundo polo. Por uma outra dedução opõem extrativismo (vegetal e animal) ao extrativismo mineral na condição de garimpagem predatória do homem".(PEREIRA,1990).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAXTER, M. *Garimpeiros de Poxoréo*. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1988.
- COSTA, F. Estrutura fundiária, modos de produção e meio ambiente na Amazônia – Comunidades rurais, conflitos agrários e pobreza. Seminário, organizado por OLIVEIRA, N.P. Belém: UFPA, 1992.
- NISHIKATA, M. *As transformações históricas da paisagem no garimpo de Poxoréo*. Presidente Prudente: FCT-UNESP, Dissertação de Mestrado, 1999.
- PASSOS, M. M. DOS, *Teledeteção aplicada ao estudo da paisagem. Sudoeste do Mato Grosso*. Presidente Prudente: FCT-UNESP, Livre-Docência, 346p., 1996.
- *Amazônia: Teledeteção e Colonização*. São Paulo: Editora Unesp, 156p., 1998,
- *A construção da paisagem no Mato Grosso – Brasil*. Presidente Prudente: PPGG-FCT-UNESP, 143P, 2000.